

PERCEPÇÕES DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II SOBRE O PROGRESSO DE SUA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA, EM UMA ESCOLA PÚBLICA: UM ESTUDO Q.

Eliane Fernandes AZZARI¹

RESUMO: Este artigo apresenta a pesquisa que, ainda em seu estágio inicial, está sendo desenvolvida como parte do programa de Mestrado no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). O objetivo dessa pesquisa é investigar as percepções de alunos do ensino fundamental II sobre o progresso de sua aprendizagem da língua inglesa, em uma escola pública na região de Campinas. Pretende-se entender o que signifique “aprendizagem” e “progresso na aprendizagem” de uma língua estrangeira (LE) do ponto de vista desses aprendizes. Inserida em uma visão de ensino de LE que entende o aprendiz como sujeito atuante em sua aprendizagem, a pesquisa é realizada sob o viés da abordagem meta-cognitiva, e lança mão dos recursos qualitativos e quantitativos oferecidos pela pesquisa em Metodologia Q, para dar voz aos aprendizes participantes. Neste artigo posicionamos a pesquisa em seu estágio atual, a escolha metodológica e sua justificativa.

Palavras-chave: Aprendizagem de língua inglesa; Percepções de aprendizagem; Metodologia “Q”.

ABSTRACT: This paper presents an ongoing research that has been carried as part of the Master’s degree program on Applied Linguistics at the State University of Campinas (UNICAMP). The research project, currently at its initial steps, aims at investigating Primary learners perceptions on their learning progress at English, learned as a foreign language class in a Brazilian public school. It also expects to understand what both “learning a language” and “language learning progress” concepts are according to such learners. The research has its theoretical basis on cognitive and metacognitive approaches to second language learning, thus the learner occupies a central role in their learning process. Q Methodology has been adopted as it provides the researcher with both qualitative and quantitative resources when collecting and analyzing the ideas and perceptions of the participants. The present paper shows where the research is placed at the moment and clarifies the methodological choice.

Keywords: English language learning and teaching; Learning perceptions; Q Methodology.

1. Introdução

A questão que originou a pesquisa de mestrado apresentada neste artigo surgiu no convívio com alunos durante os mais de vinte anos de experiência da pesquisadora como professora de inglês como língua estrangeira (doravante LE). Durante sua experiência profissional, a pesquisadora notou que as percepções de progresso de aprendizagem dos

¹ Mestranda em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

alunos variavam independentemente de seu sucesso acadêmico sendo que muitos deles, apesar de obterem notas altas ou satisfatórias em seus relatórios de desempenho, declaravam perceber pouco ou nenhum progresso em sua aprendizagem de inglês como LE, o inverso também se aplicando aos que, embora não obtivessem notas tão altas, percebiam certo progresso.

A percepção do que seja o “progresso” na aprendizagem de uma LE pode derivar do fato dos aprendizes apresentarem objetivos diferentes. Por exemplo, os aprendizes podem dirigir seus objetivos com base em uma perspectiva ambiciosa, buscando alcançar uma proficiência (ou níveis de proficiência) muito próxima daquela de um usuário nativo, mesmo que tal proficiência possa ser algo inatingível, como têm mostrado a pesquisa em aquisição de segunda língua (ASL). Por outro lado, percepções do que seria esse progresso podem ainda derivar de um desejo do aprendiz de ser capaz de se “comunicar” em situações de seu interesse e necessidade, ainda que o faça de modo precário em termos do uso esperado da língua-alvo.

Tendo em vista o contexto descrito, a pesquisa busca dar voz aos aprendizes, alunos do ensino fundamental II em uma escola pública localizada em zona urbana distante, em uma cidade no interior de São Paulo, na região de Campinas. Ao investigar as percepções desses alunos quanto ao progresso de sua aprendizagem de inglês LE, na escola, busca-se investigar o que esses participantes entendem por aprendizagem de uma LE, o que eles esperam ou pensam que seja progredir nessa aprendizagem, e como essas percepções reveladas podem contribuir para um melhor entendimento dos processos envolvidos na aprendizagem de uma LE.

2. Contextualização teórica

A pesquisa em questão está inserida em uma visão de ensino e aprendizagem de LE que entende o aprendiz como sujeito atuante em sua aprendizagem. Procura-se esclarecer o papel do aprendiz através da abordagem cognitivista, como proposta por Skehan (1998) e meta-cognitivista com enfoque sócio-construtivista, como proposta por Williams e Burden (1997).

Skehan destaca o papel importante da “*consciousness as awareness*” (1998, p.55) do aprendiz. Segundo Almeida Filho e Schmitz, *consciousness raising* traduzir-se-ia como “trabalho de conscientização” (1998, p. 161). Para Skehan, esse trabalho de conscientização do aprendiz o tornaria desperto frente à sua aprendizagem, sobre o que há para ser aprendido, levando-o a uma participação ativa em sua aprendizagem. Skehan (1998, p.56) sugere que os aprendizes deveriam estar conscientes dos processos que operam o sistema de aprendizagem de uma LE, e que trabalhar essa conscientização influenciaria sua percepção : “Precisamos considerar a percepção do próprio usuário, de como esses sistemas operam, uma vez que tais percepções podem influenciar como esses sistemas operam e como a aprendizagem acontece”.²

Ao adotar uma visão meta-cognitivista e sócio-construtivista da aprendizagem, coloca-se a perspectiva do aprendiz em pauta, valorizando a compreensão de suas percepções quanto ao seu próprio progresso na aprendizagem.

(...) torna-se aparente que as maneiras pelas quais os indivíduos vêem o mundo e suas percepções de si mesmo dentro desse universo, particularmente em situação de aprendizagem, iram desempenhar um papel fundamental em sua aprendizagem e na construção do conhecimento.³ (WILLIAMS e BURDEN, 1997, p.96)

Rajagopalan Kanavillil (2006, p.160) destaca os “*bons ventos*” para a linguística aplicada (LA), quando discute algumas das tendências recentes que demonstram uma mudança no enfoque das pesquisas. Dentre as tendências destacadas pelo autor está a pesquisa feita sob o viés da meta-cognição⁴. O estudo das crenças e representações dos alunos, a preocupação em entender o que os torna bons aprendizes, quais são as contribuições que os

² “We also need to consider the user’s own perception of how these systems operate, since such perceptions may themselves influence how processing systems operate and how learning takes places.” (minha tradução)

³ “(...) it becomes apparent that the ways in which individuals view the world and their perceptions of themselves within the world, particularly within a learning situation, will play a major part in their learning and constructions of the knowledge.” (minha tradução).

⁴ Kanavillil cita Wenden para definir “metacognição” como “reconhecimento crescente da necessidade de auxiliar os aprendizes de línguas a refletir acerca de suas crenças e do entendimento do processo de aprendizagem” (2006, p.161)

alunos, individualmente, trazem para seu processo de aprendizagem, o que os motiva, que estratégias usam para aprender, como os professores reflexivamente contribuem para esse processo, são algumas das questões discutidas por uma abordagem meta - cognitivista.

Como sugerem Gass e Selinker (2001), é fato corrente e reconhecido, dentro da pesquisa em ASL, que alguns aprendizes têm mais sucesso ao aprender uma LE do que outros. Uma das variantes que compõem o diferente nível de sucesso relativo ao aprender uma LE são as diferenças individuais de que são portadores os aprendizes. Essas diferenças podem agir como um dos fatores que determinam a distinção no progresso da aprendizagem, que poderia variar de acordo com a habilidade pessoal em aprender uma LE. Tais diferenças individuais configuram-se como aptidão ou complexos de aptidão (ROBINSON, 2002), estratégias e estilos de aprendizagem (LARSEN - FREEMAN e LONG, 1991; ELLIS, 1994), opiniões e motivação (GARDNER e MacINTYRE, 1993). Acredita-se, dentro dos parâmetros da pesquisa em questão, que tais diferenças ajudem a compor as variadas percepções que os aprendizes apresentam quanto ao progresso de sua aprendizagem da LE.

No que diz respeito às teorias que abordam as diferenças individuais, não é objeto da pesquisa em questão fazer seu detalhamento. No entanto, acredita-se que ao investigar as percepções dos alunos sobre o progresso de sua aprendizagem, tais diferenças deverão emergir na fala dos alunos, através das assertivas que venham a considerar relevantes e que definam seu perfil. Ao detalhar a metodologia de pesquisa a seguir, esclarecer-se-á a questão dos perfis que irão surgir a partir do estudo Q que será realizado.

Questões relativas a opiniões, percepções e ponto de vista, de caráter notadamente subjetivo, representam uma preocupação cada vez mais recente não somente por parte de pesquisadores em LA, mas de professores e educadores envolvidos com o desenvolvimento de um currículo de língua estrangeira voltado para as necessidades do aprendiz. Nas palavras de Kanavillil:

De uma forma ou de outra está ganhando cada vez mais adeptos a idéia de que, na hora de planejar o currículo e de elaborar a metodologia de ensino de línguas, é preciso valorizar e levar em conta o conhecimento que os próprios aprendizes já possuem e empregam como um dos fatores importantes na tarefa de aprender. (2006, p.161).

Assim, espera-se que à medida que as percepções desses aprendizes forem reveladas, seja possível melhor compreendê-los, e dessa forma contribuir para o quadro de conhecimento da pesquisa sobre aprendizagem de língua estrangeira em ambiente de escola pública no Brasil, colaborando com informações importantes para todos os envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem, sejam eles professores de LEM, formadores de professores, desenvolvedores de materiais didáticos e currículos, ou os próprios alunos, interessados em participar de forma mais ativa em sua própria aprendizagem.

3. Metodologia de Pesquisa

Para o levantamento das percepções dos aprendizes, adotou-se a pesquisa em Metodologia Q, que propõe um levantamento dos pontos de vista dos participantes através do uso de ferramentas de cunho qualitativo e quantitativo (Mckeown e Thomas, 1997).

A pesquisa em metodologia Q é relativamente recente no Brasil. Ainda que seja pouco abordada na pesquisa em linguística aplicada, com alguns trabalhos desenvolvidos especialmente no âmbito da pós-graduação em teses de doutorado e dissertações de mestrado (CUNHA, 2005; MAGNUS, 2005; RIBEIRO, 2006; CARVALHO, 2008), a pesquisa Q é certamente um instrumento que deve ser considerado, quando se leva em conta as novas perspectivas assumidas pela pesquisa em LA.

Segundo Job Van Exel e Graaf (2005), um *estudo Q* típico apresenta três etapas principais: na primeira etapa, faz-se o levantamento do maior número possível de ideias dentro do universo geral da ideia central da pesquisa. Esse levantamento pode ser feito na literatura pertinente ao tópico pesquisado e/ou nos registros de pesquisa feitos através de entrevistas e grupos focais. Essas ideias são então organizadas na forma de afirmativas e distribuídas randomicamente em cartões, formando a *Amostra Q*.

Na segunda etapa, o participante é convidado a distribuir a Amostra Q em três pilhas ou colunas: as afirmativas com as quais concorda; as afirmativas das quais discorda e aquelas que lhe parecem neutras (sem relevância ou que não dizem respeito a sua realidade naquele momento).

A seguir, utilizando um tabuleiro com colunas pré-estabelecidas pelo pesquisador (vide figura 1), o participante é convidado a reavaliar suas opiniões sobre a Amostra Q, redistribuindo os cartões de modo a hierarquizar as afirmativas de acordo com as quais “mais

discorda” e aquelas com as quais “mais concorda”. O número de colunas para distribuição hierarquizada das afirmativas no tabuleiro depende do número total de afirmativas que compõem a *Amostra Q*. Esse tabuleiro pode ser executado em papel comum ou o estudo Q pode contar ainda com o suporte do aplicativo FlashQ, (apresentado nas versões *offline e online*), distribuído gratuitamente pela internet no endereço eletrônico <http://www.hackert.biz/flashq/home/> , acesso em 19/09/2011).

O pesquisador pede então ao participante que faça pequenos comentários justificando a escolha das afirmativas que representam as colunas de maior concordância e discordância. São ainda registrados no instrumento de pesquisa dados como idade, gênero, ou outros conforme a relevância dessas informações para o estudo em execução.

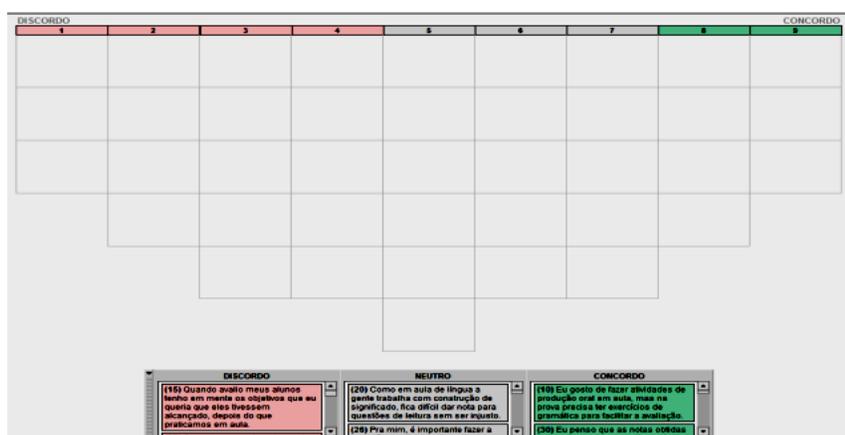


Figura 1. Exemplo de Tabuleiro elaborado em FlashQ para distribuição das afirmativas.

Ao hierarquizar as afirmativas ranqueadas no tabuleiro Q, os participantes são convidados a ver e rever suas opiniões. O processo de distribuição e redistribuição no tabuleiro permite um aprofundamento na investigação dos pontos de vista desses participantes, o que poderia ficar em campo mais superficial, se apenas a fase inicial, de entrevistas ou grupos focais, fosse aplicada. Ao se deparar com uma série de ideias distintas sobre o tópico investigado, o participante acaba por reexaminar, de maneira mais atenta e aprofundada, sua própria subjetividade, esclarecendo suas percepções.

A terceira etapa do estudo Q consiste em um procedimento quantitativo: uma análise fatorial das afirmativas resultantes da distribuição feita pelos participantes na etapa 2. Essa análise (facilitada pelo programa PQmethod, também distribuído gratuitamente através do endereço eletrônico <http://www.lrz.de/~schmolck/qmethod/> , acesso em 19/09/2011), aproxima as opiniões semelhantes , delineando perfis de acordo com os pontos de vista

compartilhados pelos participantes da pesquisa, através da correlação (aproximada) entre as opiniões expressas através da distribuição. Essa análise fatorial apresenta ainda um cálculo de escores feito a partir do grau de significância estatística de cada participante, no perfil em que se apresenta. Ao contrário de outras análises fatoriais, na análise estatística proposta pela Metodologia Q são os próprios participantes que compõem as variáveis.

De posse dos resultados da análise fatorial, o pesquisador faz a interpretação dos perfis encontrados tanto de acordo com as afirmativas que os distinguem entre si, quanto com aquelas que eventualmente representem um consenso entre esses perfis (veja tabela 1). Essa análise dos pontos de vista ou perfis permite ao pesquisador compreender melhor as percepções expressas pelos participantes, na medida em que passa a ter um retrato de sua subjetividade expressa de maneira cientificamente organizada. Acrescentar-se-ia aqui que, neste estágio da pesquisa, o pesquisador retorna ao instrumento qualitativo. Não obstante os perfis estabelecidos pela análise fatorial possam ser configurados como uma “evidência objetiva” das percepções dos entrevistados, a interpretação desses perfis sempre contará com a influência da própria subjetividade do pesquisador que a realiza.

Afirmativas		Perfil					
		A	B	C	D	E	F
1	Tarefa em dupla ou grupo é legal. Pode ser fazer um projeto ou um vídeo.	2	1	5	-2	-1	0
2	A correção não deveria ser só oral, porque tem gente que fica "boiando".	3	2	2	5	3	-1
3	Às vezes eu não faço a tarefa porque esqueço as instruções e não sei como era mesmo pra fazer.	0	-4	0	3	-1	0
4	O aluno precisa fazer a tarefa para se preparar para arrumar um bom emprego depois.	-3	-2	-2	-3	-5	-2

Tabela 1. Exemplo de tabela que apresenta as afirmativas usadas em um estudo Q (AZZARI, 2011) e sua relevância para cada perfil (A, B,C, D, E, F),sendo que -5 representa as três afirmações mais rejeitadas , +5 as três afirmações com que os perfis mais concordaram e 0 sendo as que lhe são neutras ou não-relevantes.

Em alguns casos, o entrevistador pode ainda acrescentar uma quarta etapa aos procedimentos da pesquisa, entrevistando individualmente os participantes, caso deseje explicitar ou aprofundar o entendimento das opiniões reveladas ao distribuir a *Amostra Q*. Os comentários feitos pelos participantes sobre a escolha das afirmativas com que mais concorda e de que mais discorda, assim como dados obtidos em entrevistas posteriores à análise dos perfis, não raro constituem corpus importante e significativo na análise final dos resultados, feita pelo pesquisador.

Os instrumentos de pesquisa oferecidos pela Metodologia Q permitem ao pesquisador aprofundar-se nas questões subjetivas que deseja investigar em seu estudo, proporcionando não somente a verbalização de opiniões, crenças e percepções, mas também a reflexão do próprio entrevistado sobre sua fala. Assim o estudo Q é um estudo da comunicabilidade, da subjetividade que opera no indivíduo através das palavras. Brown (1980) se refere a Wittgenstein e à sua discussão sobre a relação entre o indivíduo e as palavras e como essa é uma relação única, pessoal, como “o significado e a significância” que as palavras de um entrevistado assumem em sua fala podem ser para ele tão diferentes do que soa ao pesquisador. Brown completa

“A língua em uso é simbólica e auto-referencial em sua natureza, sendo que cada combinação de palavras pode carregar uma enorme gama de significados. Assim, seria muita pretensão um pesquisador dizer que seu próprio entendimento (da fala do entrevistado) seria de algum modo objetivo ou correto.” (1980, p.01)⁵

Dessa forma, um estudo Q busca dar formato, corpo, à subjetividade e permitir que o pesquisador faça a sua leitura a partir da comunicabilidade da subjetividade do entrevistado.

Atualmente, a pesquisa se encontra na fase de elaboração da *Amostra Q*. Para isso, foram feitos 6 grupos focais⁶ com alunos dos 6º, 7º e 8º anos do ensino fundamental II de uma escola pública da região de Campinas, São Paulo. Nessa escola, as aulas de inglês como língua estrangeira moderna (LEM) compõem o currículo escolar a partir do 6º ano, e como descrito no título do trabalho, esta pesquisa se concentra na percepção dos alunos do ensino fundamental II, daí a escolha desses participantes para a elaboração dos grupos focais. Foram também levantadas ideias através da análise de bibliografia.

A seleção da *Amostra Q* é um estágio crucial para a elaboração de um estudo Q, devendo representar a maior gama possível de ideias sobre o universo do tópico central da pesquisa sem, no entanto, implicar em um conjunto muito extenso de assertivas. Uma

⁵ “Language-in-use is by its nature symbolic and self-referential, with each combination of words being capable of carrying a wide range of meanings. For an investigator to regard his own understanding as in some sense objective or correct is therefore pretentious in the extreme.” (Minha tradução).

⁶ Para um maior detalhamento sobre o uso de grupos focais como instrumento de geração de registros em pesquisa qualitativa, vide MORGAN, 1997.

Amostra Q muito extensa pode fazer com que a colaboração do participante na etapa 2 do estudo se torne muito cansativa e demorada.

Visando estabelecer um conjunto de afirmativas que representem ideias variadas sobre percepções de progresso de aprendizagem da LE e que ao mesmo tempo viabilizem a boa aplicação do instrumento de pesquisa, novas entrevistas estão sendo realizadas, de forma a garantir uma gama mais extensa de diferentes ideias.

Assim que o conjunto de afirmativas estiver definido, pretende-se usar o aplicativo FlashQ para a aplicação do instrumento de pesquisa com os mesmos participantes que colaboraram nos grupos focais.

4. Considerações finais

Acredita-se que conhecer o que os aprendizes percebem sobre o progresso de sua própria aprendizagem seja relevante para a pesquisa de ensino e aprendizagem de LE feita em LA. Conhecer as diferentes percepções dos alunos participantes da pesquisa, sobre o que seja aprender uma LE e o que significa progredir nessa aprendizagem, pode enriquecer o horizonte de professores de LEM e auxiliá-los a pensar suas Sequências Didáticas de forma a contemplar os diferentes perfis de aprendizes que coexistem em uma sala de aula. O mesmo efeito pode ser aplicado aos que elaboram materiais didáticos e formam professores de LE para a docência em escolas públicas e particulares.

Com o auxílio do estudo Q, acredita-se ser possível estabelecer uma visão um pouco mais objetiva (i.e., no sentido de científica e não no sentido positivista de objetividade) dos diferentes perfis de aprendizes que, via de regra, integram os processos de construção e progressão de sua própria aprendizagem. O estudo sistematizado e científico da subjetividade expressa pelas opiniões ranqueadas dos participantes desta pesquisa, oferecerá dados mais objetivos para a análise das percepções que compõem o imaginário desses aprendizes. Conscientizar professores e aprendizes da existência e relevância dessas percepções poderá contribuir para o empoderamento desses sujeitos na construção colaborativa de seus conhecimentos de uma língua estrangeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZARI, E. Os alunos do ensino fundamental e o papel da tarefa de casa nas aulas de língua inglesa: revelações pela Metodologia Q. In: I SEFELI, Seminário Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa, São Cristóvão, 2011. **Anais...** São Cristóvão: UFS, 2011. 1 CD-ROM.

BROWN, S. R., **Political subjectivity**. New Haven, CT: Yale University Press, 1980.

CARVALHO, Andrea Barros de. **Vocabulário e Leitura.: pontos de vista de professores e estudantes revelados pela metodologia Q**. 2008. Dissertação (Mestre) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

CUNHA, Maria Carmem K. **Ambiente de aprendizagem em aulas de língua estrangeira: percepções de aprendizes reveladas pela metodologia Q**. 2005 .Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ELLIS, R. **The Study of Second Language Acquisition**. Oxford, Oxford University Press, 1994.

EXEL, J.; GRAAF, G. **Q Methodology: A sneak preview**. 2005. Disponível em : < <http://www.jobvanexel.nl> > . Acesso em: 05 fev. 2010.

GARDNER, R.C.; MACINTYRE, P.D. On the measurement of affective variables in Second Language Learning. **Language Learning** , v.43, p.157-194, 1993.

GASS,S.; SELINKER , L . **Second Language Acquisition – An Introductory Course** . Second Ed., New Jersey: London, 2001.

KANAVILLIL, R. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L.P (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 149-168.

LARSEN-FREEMAN, D. ; LONG, M. **An Introduction to Second Language Acquisition Research**. London and New York: Longman, 1991.

MAGNUS, Sonia de Paula Faria. **Estratégias de Aprendizagem em Língua estrangeira – um estudo “Q”**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RIBEIRO, Marlucy Maria da Silveira. **Atitudes e motivação:fatores intrínsecos da interação professor/aluno**. 2006. Dissertação (Mestre) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MCKEOWN, B. e THOMAS, D. **Q Methodology**. London: Sage, 1997.

MORGAN, D. L., **Focus Groups as Qualitative Research**. London: Sage Publications, 1997

WENDEN, A.L. Metacognition: an Expanded View on the Cognitive Abilities of L2 Learners. *Language Learning*, 37: 573-596 *apud* KANAVILLIL, R. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L.P (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p.149-168.

WILLIAMS, M.; BURDEN, R. **Psychology for Language Teachers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.